

Marina Guzzo**Núcleo de Estudos e Pesquisas em Práticas Discursivas e Produção de Sentidos
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo****nguzzo@hotmail.com**

Resumen

Pensar o corpo é pensar um paradoxo: ele é um lugar, um processo de disputa entre objetividade e subjetividade, sobre o humano e o não humano, sobre arte e ciência. Falar do corpo é falar desse grande paradoxo, em constante devir porque o corpo é um SENDO, que carrega nossa memória, nossos tempos (ou nosso tempo) e nossas sensibilidades. Definido como esse “carregador” de um processo permanente, cheio de memórias e sensibilidades, traz em sua existência a materialização de humanidades. Graças às tecnologias de comunicação, o corpo hoje pode estar em muitos lugares. O interior do corpo pode ser minuciosamente transparente e translúcido e, mais importante, visível em sua interioridade orgânica. Novas tecnologias médicas e científicas e objetos cada vez menores e mais eficazes são capazes de explorar esse espaço fluido, antes cheio de segredos. Ganho de complexidade: o corpo é pensado e atravessado por diferentes tecnologias. Ele tornou-se virtual.

Palabras clave: construcionismo; práticas discursivas; materialidades; corpo; tecnologia



Ilustración 1. Vesalius, 1543

Neste texto colocarei o corpo como eixo para um debate sobre materialidades, desde que ele se posiciona com objeto de conhecimento científico a partir do advento da Anatomia no século XIV. Esse corpo, que traz consigo os acontecimentos passados, os desejos, os erros, as verdades, as crenças e que é a própria superfície de inscrição do tempo e do espaço e que é justamente a concretização da subjetividade de cada um, e de todos.

Falar do corpo, portanto, é falar de um grande paradoxo: ele é o palco de disputas entre objetividade e subjetividade, entre humano e não humano, entre a arte e a ciência, ele carrega o devir humano, nossa memória e nosso futuro e principalmente: toda nossa sensibilidade.

Essa sensibilidade é porém, cada dia transformada pelo advento das tecnologia, do consumo, dos desejos: cada vez mais o corpo se coloca como centro das preocupações da ciência, do cotidiano das pessoas e com isso apresenta-se como um importante eixo de discussão da Psicologia Social.

Essas novas tecnologias médicas e científicas aliadas a objetos cada vez menores e mais eficazes (as nanotecnologias) são capazes de explorar esse espaço, antes cheio de segredos e agora nem tão enigmático assim: afinal desde o século XIV, quando o corpo se torna efetivamente um objeto de

conhecimento científico com a Anatomia, muitos pedaços já são conhecidos, revirados, recortados e até plastificados.

Até os processos mais íntimos das células: as cargas genéticas, as atividades enzimáticas: tudo é exaustivamente escavado, num processo infinito de descrição do que temos por dentro.

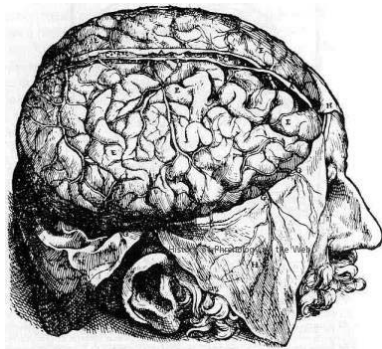


Ilustración 2. Versalius, 1543

E assim, com tanta informação contida nesse espaço tão íntimo, o corpo deixa de ser nosso. Ele se transforma em imagens, exames, líquidos, pedaços extirpados. Essas imagens colocam a valorização do risco, e, portanto dos constantes cuidados com a segurança do corpo: a ginástica, a plástica, a pele, o sol, as roupas, os banhos, os produtos do banho. Cada detalhe imprime uma rede imensa de complexidades que se tornou o fato de habitar um corpo atravessado por tantas tecnologias: um corpo virtual.



**Ilustración 3. Marey,
Cronofotografias do século
XIX**

Esse desejo de conhecer o dentro é também extrapolado para o excesso de cuidados com o “fora”, com a aparência, com a beleza, com o ideal de um corpo perfeito. A tirania do **body building** invade nossa alimentação, nossas escolhas diárias, nossas prática de atividade física e até mesmo nossa sexualidade. E parece que quanto mais se sabe e se descobre, mais dúvidas surgem a seu respeito: nos tornamos cada vez mais alertas e sensíveis aos sinais do corpo, às suas mínimas emissões, secreções, transformações.

A virtualização dos corpos é a nova etapa da nossa relação com o corpo. Os sistemas de realidade virtual nos mostram mais que as imagens, eles nos mostram quase uma presença, ou uma presença inteira em muitos casos. Relacionamentos via internet, compras no cartão de crédito, blogs, diários em rede, câmeras digitais: o corpo é instantâneo. Esses são uns pequenos exemplos dessa virtualização do corpo que é em muitos casos até invisível. Mas quais são os parâmetros que tornam nosso corpo visível agora? Quais são essas tais materialidades do corpo?

Será a pele? Os olhos? A cor dos cabelos? Ou nossas tantas outras dermes escondidas por debaixo dos raios X, scanners, ultra-som? O corpo parece cada vez ter mais camadas de documentação, de atualização.

E ele já pode ser totalmente construído virtualmente: experiências genéticas, próteses, botox, lipoaspiração. O exterior e o interior a humano e o não humano se confundem e se proliferam. Mas o que seria exatamente o corpo virtual?

Virtual vem do virtualis ou virtus que em grego significa força, potência. Para a filosofia escolástica é virtual o que existe em potência não em atos. Aí se encontra mais um paradoxo ao pensarmos o corpo: o corpo virtual seria aquele que existe em potências, em idéias? Ou o corpo por si só existe somente em ato? O corpo não pode existir somente como potência, ele é feito de carne, de nervos, de músculos e também de forças. O próprio existir corporal em sua fisiologia e bioquímica é repleta

de atos, de trocas, de reações. O corpo age quimicamente para estar-no-mundo, e age também fisicamente e materialmente para se colocar representado no mundo.

A virtualização do corpo não pode nos tirar a idéia de ação do corpo. O que muda nessa nova configuração é o espaço e o tempo. O corpo virtual é um corpo desterritorializado, e por isso ele é um corpo multiplicado, perdedor de limites e de contornos.



Ilustración 4. Arteriografía cerebral que mostra el aneurisma carótido-oftálmico derecho de 3 x 2 cm.

“o corpo abandona o chão e seus pontos de apoio, escala os fluxos e desliza nas interfaces, serve-se apenas de linhas de fuga, se vetoriza” nos diz Deleuze¹.

Trata-se de uma desencarnação? De um corpo sem matéria?

Não! Não é um processo de desaparecimento do corpo, ou de desmaterialização. A virtualização do corpo é uma reinvenção, uma reencarnação, uma multiplicação. É inclusive esse limite incerto entre a virtualização e a amputação do corpo que importa para nós, Psicólogos Sociais. E deve ser considerado, avaliado pelas pessoas e pelas leis.

Pierre Levy ainda, traz a idéia de que nosso corpo é a atualização temporária de um “enorme hiper corpo híbrido, social e técnico biológico”²

O corpo corre para dentro e para fora e é intensificado e isolado, misturado, transformado. É no corpo mesmo que fica claro que não existe um dentro e um fora e sim uma conexão de um dentro com um fora, não como algo unificado, mas como algo múltiplo. Nessa mistura fica difícil saber o que é público e o que é privado.



Ilustración 5. 1984, filme dirigido por Michael Radford

O corpo sempre materializou e misturou o fora e o dentro. Ele é o fora e o dentro.

Trabalhos como o de Norbert Elias³, O processo Civilizador mostram como, ao longo do tempo a cultura e a civilização marcaram e definiram hábitos e práticas corporais e definiram esse projeto de corpo que falei antes. Ao mesmo tempo a resposta do corpo aparece nas mais diferentes manifestações: na arte, no próprio corpo e na própria cultura do corpo.

Ele faz-se iminente à subjetividade e converte-se na superfície para a ostentação dos princípios de dentro e de fora. No corpo e sobre ele devem fazer-se evidentes normas, regras, leis, saúdes, doenças, belezas e cidadãos.

¹ Deleuze, 2002 op. cit. pp. 32.

² Levy, 1998.

³ Elias, 1990.



Ilustración 6.
Enciclopedia VISUAL
2000 de LA NACION pag.
172-173

Paro pra fazer uma ressalva sobre essa imagem, que é do filme 1984 dirigido por Michael Radford, onde o corpo é controlado no seu espaço mais íntimo: o pensamento, a intimidade do lar. Se fizermos um paralelo com os dias de hoje e a volta do *Big Brother* em **reality shows** na televisão brasileira e mundial e com esse corpo que realmente é espetacularizado por sua intimidade, por sua devastação.

Neste corpo disciplinado, medicado, maquinico o peso do capitalismo, do consumismo e das tiranias da modernidade cerceiam a liberdade de realmente viver e entender o que cada corpo pode criar.

Outro autor que trago para essa arena é Geores Vigarello que trata o corpo como território biológico e simbólico, processador de virtualidades e verdadeiro arquivo vivo. Para o autor, o corpo é um arquivo. E como arquivo existem várias perspectivas para estudá-lo, é preciso estar atento às suas especificidades. O corpo se transformou no “eu ”de cada um, vivemos um corpo psíquico. E por isso, ele nos acompanha como evidência, como finitude, e como transformação da vida, nem sempre desejável ou previsível. Investimos muito no corpo hoje porque ele passou a ser considerado aquilo que nos é mais imediato, próximo e característico. Ou seja, somos sujeitos do nosso próprio corpo e ele exalta a nossa imagem maior de subjetividade e de nossa história.

Em seus trabalhos Vigarello olha para as transformações das práticas corporais. Para ele o corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, (uma materialidade). Suas permanências ao longo da história também são importantes. Em seu trabalho sobre o “Limpo e o Sujo”⁴ o autor encara o corpo e suas noções de higiene. É incrível pensar que hoje para se ter uma aparência corporal aceitável e higiênica temos que tomar banho todos os dias e ainda: usar sabonete. Os banhos são materialidades do corpo, mudam, transformam-se e retratam as diferenças dos tempos. Antes tomar banho demais faria mal, ainda mais se fosse com água. As práticas de banhos eram feitas à seco, com panos umedecidos.

E a gente pode pensar muitas outras práticas: o esporte, por exemplo, ele gera uma rede de materialidades que envolvem o corpo como a gente pode ver nessa imagem de “coisas” ou objetos, lugares, e até perfumes que se relacionam com o esporte. Além de uma rede de conhecimentos sobre o corpo que delimitam a prática...por exemplo a musculação...a gente sempre tem que saber qual o músculo que estamos mechendo, qual a articulação, porque tudo isso já tem nome, já tem peso específico

Ao pensar assim, a gente olha pro corpo que é educado pela matéria do mundo, Circunscribe um retrato da sociedade, revela, como espaço, a imposição dos limites sociais, morais e psíquicos.

O outro trabalho de Vigarello: **Lês corps redressé: histoire d'un pouvoir pedagogique** mostra que é possível compreender uma dinâmica de elaboração de códigos que respondem às técnicas, pedagogias e instrumentos desenvolvidos para submeter o corpo às normas. Isso acontece por meio dos desenhos traçados no espaço com as materialidades do corpo.

⁴ Vigarello, 1986.



Ilustración 7. H. Baldung Grien “ As três idades da mulher”, séc. XVI

de materialidades do corpo.

Pensar o corpo de hoje é pensar o corpo permeados pelas práticas do biopoder, regido por estas normas. Ele, corpo teórico, parece estar sentenciado a desaparecimento, ou a desencarnação, como já disse antes. Essa sentença se dá ou por sua total potência virtual e a concretização do mito do *cyborg* idealizado por Donna Haraway⁶, ou por sua completa normatização biopolítica como bem exemplificado no filme *Gattaca*. Nessas duas situações, os corpos são rendidos pelas tecnologias que os circundam, e pouco existe para o espaço de criação e de diferenciação. O ideal é corpos iguais, potentes biologicamente, e feitos com o melhor material genético existente dentro de seus pais.



Essas visões levam o corpo à um lugar de exaltação da razão, sob uma lógica capitalista que constantemente ameaça debilidades e imperfeições do corpo que é sempre “corrigido” por essas mesmas inovações tecnológicas. Órgãos eletrônicos, implantes, próteses, plásticas. Tudo que pode tirar a morte do caminho e eliminar o que é perecível no corpo.

No corpo virtual, ou no corpo do *cyborg* existe o desaparecimento ou o reaparecimento do corpo como centro das formas de realização da modernidade. O corpo torna-se central, hiperexposto, super-estudado. Foucault nos fala dessa perspectiva que concede um caráter central ao corpo de duas formas: primeiro com as disciplinas do corpo individual e depois com a fundação dos Estados Modernos, seus membros concebem a si mesmos como população e são empregadas formas de gestão de vida: as governamentalidades⁷.

⁵ Vigarello, 1996.

⁶ Haraway, 1991.

⁷ Foucault, 2002.



Ilustración 8. Imagens da Revista BOA FORMA que circula no Brasil

A gente pode pensar no papel da mídia nessa arquitetura, nesse corpo super pensado, super materializado o tempo inteiro e com uma forma dessas, impondo um padrão.

Como construir para si um corpo virtual⁸



Ilustración 9. GRIEN,
Prudence, 1529

Trazer o corpo para essa discussão de materialidades dentro da Psicologia Social é tratá-lo não só como tema de extrema importância no debate interdisciplinar que aqui se sucede, mas sim tratá-lo com a urgência que lhe cabe. Uma urgência de problematização que manifesta-se diante de sua extrema sensibilidade, de suas variações discursivas e conceituais e imagéticas, onde o corpo se transforma na razão dos discursos em torno dele, ou em torno de qualquer tema em Psicologia. Penso que fazemos isso, sem perceber, ou até percebendo, mas não ressaltando, não avisando, não integrando.

E o corpo nos exige esse olhar múltiplo, um sentido diverso e uma interação de saberes. Denise Sant'Anna⁹, que é uma historiadora do corpo, nos fala sobre esse corpo que atravessa todos os discursos, mas não se dissolve, que fica, que permanece, mesmo frente à tantos devires. Penso que o corpo atravessa todos os discursos e, vive em contínua transformação por causa desses discursos sobre ele: não coma isso, faça tantos minutos de exercícios diários, não fume, não coma ovo, como ovo. Enfim, uma diversidade de certezas que parecem mudar todos os dias, com a preocupação central de construirmos um corpo ideal, um corpo virtual, um corpo moderno e um corpo seguro.

A mesma autora nos lembra que é o corpo que, em sua materialidade guarda um território de preservação do humano, pois mesmo a cada

⁸ Paráfrase de Deleuze e Guatarri no texto: como construir para si um corpo sem órgãos em Mil Platôs.

⁹ Sant'Anna,

visibilidade e pedaços desvendados, o corpo surge com novas incertezas, impotências e riscos.

Essa “transparência generalizada” de órgãos, tecidos, membranas e até DNA, revela o corpo contemporâneo como a película que suporta sua imagem. O corpo é, e torna-se o que ele pode mostrar em formas.



Ilustración 10. Imagem de Ultrassom

É preciso criar uma ética dos corpos, um novo estatuto corporal onde as novas tecnologias, o tráfico de órgãos, a clonagem as transformações genéticas não se transforme em mercadorias de corpos pobres para corpos ricos. Há que se trocar a brutalidade material dos corpos por uma sutileza. E essa sutileza vem justamente da atenção do que se passa ENTRE o corpo e seus encontros.

O homem não existe senão por meio das formas corporais pelas quais ele é posto no mundo. “Alterando essas formas, alteramos também a definição, sempre em construção de sua humanidade”¹⁰

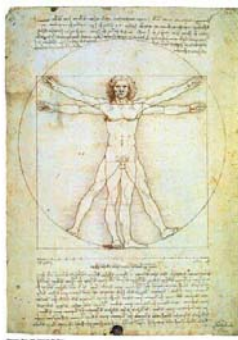


Ilustración 11. Leonardo Da Vinci. O Homem Universal, 1492

E volto pra essa imagem de Leonardo da Vinci, do corpo perfeito, cheio de proporções sempre aliado à busca de tecnologias que o atravessam e o determinam, que persiste até hoje, e principalmente hoje.

Referencias

Couto, E. (2002). *O corpo polifônico*. In: Projeto História, 25. São Paulo: EDUC.

Deleuze, G. (2002) *Espinosa: Filosofia Prática*. São Paulo: Escuta.

Elias, N. (1990). *O processo civilizador. Volume I: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Foucault, M (2001).. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.

¹⁰ Couto,2002.

- Haraway, D. (1991). A cyborg manifesto: science, technology, and socialist-feminism in the late twentieth century. In: *Simians, cyborgs and Women: the reinvention of nature*. New York: Routledge, pp 149-181.
- Lins, D. (2002). Metafísica da carne: que pode um corpo. In: Lins, D. e Gadelha, S. (orgs) *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Lévy, P. (1996). *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34.
- Sant'anna, D. (2001). *Corpos de Passagem*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Soares, C. (1998). *Imagens da Educação no corpo*. Campinas: Autores Associados.
- Vigarello, G. (1998). *A história do estupro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Vigarello, G. *Lé corps redressé: histoire d'un pouvoir pédagogique*.
- Vigarello, G. (1986). *O limpo e o Sujo*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1986.

Referencia

- Guzzo, M. (2003). www.lugardocorpo.com.BR. *Athenea Digital*, 4. Referencia. Disponible en <http://antalya.uab.es/athenea/num4/guzzo.pdf>